

REVISTA FLUMINENSE DE FOLCLORE

SUMÁRIO

	Págs.
Folcloristas Brasileiros — Veríssimo de Mélo	3
Notas para um futuro estudo sobre o Carnaval — Manuel Diégues Júnior	6
Atenuando saudades — Alberto Ribeiro Lamego	8
A Festa do Divino — Dulce Martins Lamas	14
Pequena informação sobre a origem e o motivo das Cavalhadas no Brasil e sobre a presença do cavalo em nosso Folclore — An'Augusta Rodrigues	18
Aspectos do Folclore Fluminense em Angra dos Reis, Campos e Parati — Rubens Falcão	21
“O Beijo” (Cançoneta popular	29
Noticiário — Redação	31

O entusiasmo é a única virtude;
a inércia o único vício.

Ed. Rostand

98(815.3)

2454

1

REVISTA FLUMINENSE DE FOLCLORE

ANO I — JANEIRO DE 1974 — NÚMERO I

Diretor-Redator-Chefe: RUBENS FALCÃO

Avenida 22 de Novembro, 27 — Tel. 722-0169
NITERÓI (24.000) R.J.

Instituto musical de São Paulo Ltda.
Rua Glaciero, 245

INAUGURAMOS, com o Ano-Novo, a Revista Fluminense de Folclore. Vem ela suceder ao antigo "Boletim", órgão da Comissão Fluminense de Folclore, que circulou periodicamente de 1969 a 1973. "Promovido" a Revista, em homenagem aos seus colaboradores e amigos.

CENTRO ORCAL DE CULTURA E ARTE

mem feliz do Brasil!" E essa felicidade é decorrência do fato de ter dedicado os melhores anos de sua vida, até hoje, a executar sempre a tarefa para a qual tem vocação e ama: Escrever e ensinar.

Como ele costuma dizer:

— "Meu filho, não sei fazer outra coisa!"
Cascudo é um otimista irrecuperável. Crê no futuro grandioso do Brasil e explica desta forma os fenômenos cíclicos das agitações brasileiras: "Quando nasci, o Brasil estava à beira do abismo. Passados os anos, uma das duas coisas deve ter acontecido: ou o abismo fechou ou o Brasil alargou. O que está se processando no Brasil é uma fase lúgubrica, com a presença dos problemas mundiais que aqui arribaram. Falar em problemas brasileiros, em abismos, é ignorar o que se passa e passou no resto do mundo. Desvalorização da moeda, desajustamento psicológico, tudo isto são ciclos. Desvalorização humana e que nada disso é castigo que estamos aqui numa missão humana e que nada disso é castigo nem penitência acima de nossas possibilidades de resolução. O melhor produto do Brasil ainda é o brasileiro". (Estas palavras foram ditas em pleno caos, isto é, no fim do regime de Jango Goulart. E não era profecia de Cascudo. Era sabedoria, experiência da História, cultura).

Cascudo, como todos nós, tem suas idiosincrasias e excentricidades: Só dorme em rede, preferindo-a também para suas leituras; nunca assistiu a uma partida de futebol; é supersticioso; fuma dezoito charutos, em média, por dia; recusou sua candidatura ao Senado, numa época em que tudo lhe era favorável; toca valsinhas brasileiras ao piano e gosta de hibernar, isto é, às vezes passa semanas e meses sem sair de casa, no seu gabinete de trabalho. Um dia, se larga de rua afora, sozinho, chapéu na cabeça, fumando charuto e desaparece pela Ribeira. Uma vez, bancamos o detetive e o seguimos, para ver até onde ia. Fomos encontrá-lo num barzinho da avenida Tavares de Lira, cercado de admiradores, homens simples, motoristas, comerciantes, engraxates, garçones, todos tomando cerveja. Confessou-nos: — "Estou estudando costumes, meu filho!"

E estava.

Fez quatro viagens de estudos à Europa, uma à África e outra ao Uruguai. Mas só conhece o Brasil do Piauí para baixo, até o Rio Grande do Sul. Não teve ainda oportunidade de viajar até o extremo norte, o que não foi por falta de convites inumeráveis.

Sua bibliografia é um fim de mundo. Zila Mamede, num livro enorme, (3 volumes) conseguiu levantar a maior parte de sua bibliografia, mas não consegue atualizá-la. Raro o mês em que não aparece um livro novo de Cascudo, um ensaio, uma plaquete, um trabalho.

Américo de Oliveira Costa, noutro livro, "VIAGEM AO UNIVERSO DE CÂMARA CASCUDO", estudou detalhadamente aspectos da obra e da vida de Cascudo. Não disse tudo, evidentemente. Cascudo é inexgotável. Mas fixou o principal, talvez. É o livro ao qual remetemos a pessoa interessada em aprofundar-se no conhecimento da

é o que Vauthier assinala, pelo menos quanto ao Nordeste, em seu diário.

Organizavam-se bailes a fantasia e de máscaras — *bal masqué*, como era chique chamar — onde se divertia a alta sociedade. Então, — estamos recordando algumas paisagens do Carnaval do século XIX — não havia frevo nem samba; dançava-se o “pas-de-quatre”, a polca, a valsa. Quando não iam fantasiadas, as senhoras vestiam seus ricos balões, as “saías balão”, de influência francesa, e cujas vendas as lojas comerciais anunciavam na época do Carnaval, indicando algumas como “muito honestas e da última moda”.

Outra circunstância a assinalar, quanto a essa diferenciação de festejar o Carnaval, em particular quanto às classes economicamente mais favorecidas, ou socialmente mais elevadas, seria a natureza pagã da comemoração. É o tempo do capelão particular, dos bons frades professores de todas as matérias e ainda confessor da família. Isto, principalmente, porque o Carnaval era o começo do luto quaresmal da Igreja. E em Roma, registraram antigos cronistas, havia o costume de saírem procissões pelas ruas, assistidas das varandas por famílias que empunhavam velas acesas, em despedida ao Carnaval.

A evolução do Carnaval, que dos salões transbordou para as ruas, deu ao seu festejo novos aspectos e novas sugestões para que se possa encontrar, na possíveis formas de participar das danças, dos cantos, da música em geral, ou também da maneira de festejá-lo, elementos para uma interpretação sociológica ou antropológica de diferenciações regionais, que se alongam a outras diferenciações mais particularizadas. O traço do Bobo, tradicional no Carnaval antigo, como que desapareceu; os mascarados usam hoje as vestes mais variadas possíveis. O estruendo desapareceu substituído que foi pelo lança-perfume, pelo confete, pela serpentina — elementos, aliás, caminhando também para o desaparecimento, pelo menos o lança-perfume, enquanto o confete e a serpentina ainda teimam em persistir.

Tradições que foram sendo esquecidas, abandonadas, substituídas; novos valores que vão surgindo, o Carnaval tomando feição nitidamente social, com um caráter que o assinalava na transitoriedade dos três dias de cada ano — sem esquecer que muitas vezes são três dias antecipados de mês ou de meses, com os ensaios, os preparativos, os arranjos, as ornamentações, tudo, enfim, que constitui a passagem dos festejos do Natal para os festejos do Carnaval.

ATENUANDO SAUDADES

(A An'Augusta Rodrigues)

Alberto Ribeiro Lamego

A convite de José Cândido de Carvalho, intimado pelo José Olímpio a uma viagem à nossa terra para, em tarde histórica, autografar o seu “O Coronel e o Lobisomem”, narrativa de universal admiração de fatos reais ali acontecidos, partimos de Niterói em sua companhia, na de Sindulfo Santiago, o brilhante biógrafo de Nilo Peçanha e na de Luis Jardim, premiado autor de “Maria Perigosa”, “Boi Aruá”, “Proesas do Menino Jesus” e outras belezas com que vem deliciando crianças, adultos e velhos.

Escusado dizer que, com a presença deste último, fora uma alegre excursão, pois que o Lula, possuidor de vasto cofre de anedotas, escancarou-nos as portas e durante a jornada as foi distribuindo.

Após uma rápida estada em Iguaba-Grande para nos abastecer-mos de siris recheados em casca e outra em Imbetiba, onde o Grande Hotel, batido pelas ondas, sobe numa das mais belas e convidativas praias do Brasil para veraneios confortáveis e tranquilos, triunfalmente entramos em São Salvador dos Campos dos Goitacás.

A agenda imposta era minuciosa, mas fora ritualisticamente cumprida. As reuniões com as alunas do último ano secundário e com professoras do Instituto de Educação, exibiram-nos elevado estágio cultural das moças, e o jamegão do José Cândido, em dezenas de livros adquiridos do seu grande romance, foram provas da sua popularidade e fizeram cair bons cruzeiros em suas algibeiras e nas contas bancárias da Editora José Olímpio. O programa fora oficialmente completado com uma visita à fazenda da Boa-Vista, na qual vivera o famoso coronel.

Daí a São Tomé era um pulo e, ao lá chegarmos, esfregamos os olhos incrédulos. Conhecêramos o cabo, — perigoso para a navegação por uma longa e estreita faixa de parcéis submarinos e invisíveis, indo por dezoito quilômetros mar a dentro, de navios, porém, salvos pelo poderoso facho do farol —, apenas com meia dúzia de tejuapares de pescadores. E agora víamos, como em passe de mágica, uma cidade com belos prédios, ruas pavimentadas, luz elétrica, três clubes moderníssimos, Academia de Pesca e ligada a Campos pela ótima “rodovia do açúcar” asfaltada inteiramente.

Outra surpresa foi a de Guarus na margem oposta de Campos, que conhecêramos como um vilarejo de casebres, e hoje bem arruada com vias calçadas, iluminação a mercúrio, edifícios competidores dos

melhores recantos residenciais da cidade, tudo isto obra de um prefeito: José Carlos Vieira Barbosa.

Ouvimos, mesmo, rumores da baldeação da sede municipal para a margem esquerda do Paraíba, com novo edifício da Prefeitura, Foro, coletorias, escolas superiores e todo o manejo de mecanismos administrativos e educacionais. Mas, cuidado com a rivalidade de São Tomé...

Não poderia nos faltar uma visita à veneranda fazenda do Colégio, onde a família Barroso nos recebeu de braços abertos e a costumeira hospitalidade tradicional. Não sabemos de outro monumento histórico fluminense que tão bem resguarde o seu passado quase trissecular, desde a fundação pelos Jesuítas nos começos de oitocentos e que, após os meados do século com a expulsão pombalina, passara às mãos de Joaquim Vicente dos Reis.

Ali se aspira um saudoso perfume de idades idas em tudo que se vê. Mobiliário, paredes maciças, poisais para leitura de breviário nas janelas de guilhotina, a enorme cozinha, a capela, onde ao pé de um altar, à direita, foi sepultada Benta Pereira, a heroína campista que em 1750 levantou a população contra a tirania dos viscondes de Asseca, e sobretudo na sempre viva lembrança de um dos maiores filhos de Campos, Saldanha da Gama, o almirante de quem se orgulha a Marinha de Guerra por seu caráter e finura, membro da família e que ali tem placa comemorativa de sua passagem na infância e de visitas constantes que fizera sobrando presentes para os seus, até hoje guardados como relíquias. O desenhista Poty, esplêndido ilustrador dos livros de José Cândido e que nos acompanhara, estava boquiaberto.

Demos obrigatório salto a Tocos e a Ponta Grossa dos Fidalgos, sob a desculpa rota de ver a Lagoa Feia, mas na realidade com o secreto intuito de visitar o cenário onde se dera a luta épica do galo "Vermelhinho", orgulho do coronel Ponciano que desancara um fanfarrão rival, e atrás dele, em desatinada fúria rinha afora, liquidara de passagem um inocente capão, antes de o mandar para a panela.

Não tivemos o prazer de dar de rosto com Elmar Martins, polígrafo capaz de escrever um livro de cabeceira ou de sovaço, mas fomos mais felizes com o jovem e promissor José Cunha Filho, perito em sair à cata de jumentos e de os trazer de cabresto à Imprensa, para nos regalar com as suas apresentações pilhéricas. Passamos pelo Clube das Fofocas do Carvalho, onde os vícios alheios são implacavelmente punidos com piadas quentes.

Mas a apoteose que nos aguardava foi a festa noturna na Usina Barcelos, onde pontifica, nas expressões e músicas folclóricas regionais, An' Augusta Rodrigues, esposa de Paulo Rodrigues, Diretor-Gerente do empreendimento açucareiro.

Pernambucana de nascimento mas campista naturalizada, é hoje incontestemente donatária do folclore da Planície, que estudo *in-loco*, analisa

e grava, atraindo cantores e dançarinos incapazes de resistirem à sua sedução. A sua vivência nos limites municipais de campistas e sanjuanenses permitiu-lhe uma visão global de tudo o que embeleza a vida progressa e atual dos trabalhadores dos canaviais, de campeiros de rédea solta atrás de reses, de cantilenas de barqueiros em suas pranchas e a contínua azáfama dos pescadores de Atafona que aproam frágeis canoas frente aos vagalhões do Atlântico.

É a senhora dona de todas as toadas e danças, de termos e músicas regionais da alma popular, tendo mais de mil gravadas. Não contente em criar uma banda de música na usina, de pintar com delicadezas de artista cartões com que brinda os amigos, ensina e estimula os que a procuram para que lhes revele o folclore da Planície, com a benevolência e o entusiasmo de animadora.

Há mais de uma dezena de anos tirara o primeiro lugar num Concurso de Folclore em Porto Alegre e até hoje aguardamos a publicação do trabalho premiado pelo Instituto Nacional do Livro. Organiza exposições de antigualhas regionais e de danças e cantares da Planície, só por amor às nossas coisas. Indicamo-la ao Arnaldo Estrela em cabeça de fila como colaboradora de seus trabalhos educacionais no Estado do Rio, o que em boa hora fez, esperando agora que o seu nome surja, como exige a nossa cultura, entre os maiores folcloristas brasileiros.

O que nos reservara a extraordinária An' Augusta nessa noite foi surpreendente. Reunira num galpão da usina uma elite de numerosos músicos, cantadores e dançarinos que, noite a dentro, nos enlevaram e sacudiram com seus ritmos dolentes de cantos regionais ou sacolejados em precipitadas e irresistíveis cadências.

Começara por variedades de "Reis" com duas violas, violão, sanfona e dois pandeiros, chararizes de comilanga e de bebidas nos primeiros dias do ano, quando acordam estremunhadas vítimas que por tradição lhes garantem noites fartas. Começam com plangências solicitantes e terminam em furiosos descantes de incrível rapidez e barulho, de fazer inveja às melhores escolas de samba, para dissuadir de vez anfitriões da velocidade de permanecerem entre os lençóis.

Depois veio o "Cavalo Jaraguá", espécie de "Boi Pintadinho" ou... "Bumba-meu-Boi", em que as chifradas ao público que estes simulam são substituídas por coices e mordidas de mandíbulas de uma caveira de equídeo a baterem sem parar. Ivan Proença e sua esposa eram os que mais se desarticulavam no desaguiçado.

Ai tivemos repousante surpresa e uma inesperada revelação. A valsa "Saudades do Matão" aclamara almas e corpos. E, como estrela do bailado, entra em cena o austero Osvaldo Lima, Diretor do "Monitor Campista", de 1838, terceiro em antiguidade no Brasil após o "Jornal do Comércio" e o "Diário de Pernambuco", que, para atestar a senilidade centenária e respeitosa do querido órgão jornalístico, era o único engravatado na nossa plebéia turma.

Deliciou-nos com terpsicórica exibição de seus ocultos predicados valsiistas, dignos de bailarinos do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Tocando graciosamente as pontas das falanges da mão esquerda com as de seu par e apenas aflorando com os dedos da direita a cintura de uma bonita muxuanga a um metro de distância, extremava-se em volteios leves, de olhos fitos no teto contando as telhas, com a cabeça ligeiramente inclinada pelo hábito peculiar, numa discreta sugestão da pose preferida para a futura estátua.

Foi aplaudido com delírio pelos demais pares que pararam de dançar para o admirarem, reclamando um tango que não veio, na intenção de mais se deslumbrarem com filigranas coreográficas.

Sindulfo e José Cândido desapontaram na "Tontinha" e na "Moreninha", com aceitável escusa de não haverem conhecido estas se-uhoritas, nem terem "pacha" para reboleros. Poty arregalava os olhos espantado com a baderna desconhecida em sua terra, o Paraná. Nós, porém, salvamos a reputação da embaixada quando nos enrolamos numa ruidosa "Mana-Chica."

Jamais pudéramos ficar de pernas imóveis ao ouvir essa arrebatadora dança conterrânea. Desculpem-nos a imodéstia, mas cremos que o sucesso obtido nessa noite foi absoluto, com a nossa invejada perícia no "chê-de-damas", no "balancê" e no sapateado, lastimando apenas a falta de esporas para riscar o soalho, enquanto fervia o baile e o ritmo cantante explodia:

"Ó Mana-Chica!

Mana-Chica do Caboio.
Quem nunca comeu pimenta,
não sabe que coisa é moio!

Ó Mana-Chica!

Você vai eu também vô;
se você não vem dançá,
vou m'imborna, meu amô.

Ó Mana-Chica!

Eu sou ico pra dançá;
mas você, se não tem pacha,
o que vem fazê a cá!

Ó Mana-Chica!

Que beleza este luá;
a garça passou voando,
vou dançá noutro lugá...

Lamentávamos a ausência de Luís Jardim, de regresso ao Rio, pois, como folclorista fanático, se lançaria na fogueira.

Somente um personagem permanecia sorumbático. O Hervé Salgado, proprietário de "A Notícia". A austeridade do seu jornal não lhe permitia relaxamentos populares.

— Gräfinagens. Não me passo para essas promiscuidades. Tenho restritas preferências e só admito gente afinada por requintes estéticos.

Mas seus olhos luziram que nem os de bacurau na estrada com farol de carro, quando violas, violão, sanfona e pandeiros silenciaram entrando em cena três grandes tamborins manejados pelos respectivos algozes, que tudo fizeram para rebentá-los. Romperam um furioso jongo.

A custo conseguimos, na refrega, nos apossar por instantes de An' Augusta, que juntamente com Dona Célia, esposa de Poty, que em contraste com o silencioso marido era fogo, ambas animando e com participação ativa embrenhando-se em danças e liderando cantorias, e lhe perguntamos se o resistente couro dos tamborins era de gato, como o de seus congêneres dos carnavais do Rio.

— "Ó xente! Que idéia! Nem que fosse de pergaminho de carneiro. Só de boi, e olhe lá! Bem grosso, senão "pocam".

Iamos-lhe pedir algodão para os ouvidos, quando silenciámos estupefatos. Bem no centro da baguça dos jongueiros, em defesa a um negro de suéter vermelho que soubemos ser babalaô-êchã de macumba, capengando agachado, balangando o corpo e de cabeça baixa, como a procurar níqueis no chão, na tentativa de provar o darwinismo com proesas e esgares de símio, em meio às suas "preferências restritas" e aos "requintes estéticos", desconjuntava-se o austero e anti-gräfino Hervê.

Mais alto que ninguém berrava ele estes primores camoneanos interminavelmente repetidos:

— "Minha toaia de renda rasgô
Cata a laranja no chão, minha frô!"

Mais que qualquer se esganiçava com estas bilaqueanas maravilhas em repetições contínuas:

— "Tambô! Tambô! Tambô!

Quero vê quem me chamô!"

Paulo Rodrigues, que marcava compasso, dedo em riste, sussurrava-nos:

— Baixou o caboclo nele.

Tal a sua alucinação que, por coerência amigável e no intuito de o auxiliar na comprovação da teoria de Darwin, perdemos totalmente a vergonha e a compostura. Passando pelo Homem de Neandertal e por outros Homos, fomos direto ao ancestral gorila, treinando posturas de macaco em jaula, ou de côcoras e capenga, prontos para catar moedas no terreiro.

Mas quando, com bem ensaiados passos de "preto-véio", iam os atirar na conflagração, fomos cutucados nas costas.

— Cuidado que isso pega. Batuque de jongo tem visgo e dinamite.

Essa voz nos salvou, reintegrando-nos no *Homo Sapiens sapiens*. Era a do ponderável coronel Ponciano, que, aproveitando o candomblé jongista, se incorporara no José Cândido de Carvalho...

N. da R.

Oswaldo Lima, a quem se refere o A., faleceu recentemente em Campos. Foi uma das perdas mais sensíveis a desse bom e leal amigo. Morrendo, empobreceu a sua terra, que serviu com amor e devotamento.

FESTA DO DIVINO

(Angra dos Reis)

Dulce Martins Lamas

Os portugueses, principalmente os açoreanos, possuem profunda fé religiosa no Divino Espírito Santo e, por isso, nos legaram os costumes de celebrar a festa da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

A festa celebrada, em grande parte do nosso País, com o nome de Festa do Divino, apresenta, na parte profana, aspectos folclóricos que variam significativamente de região para região.

Assistimos nos dias 8/9/10 de setembro de 1972, em Angra dos Reis, à revivescência da celebração ao Divino, que, por sinal, fora realizada, também, em 1970, depois de ter sofrido uma interrupção de cerca de 20 anos. Mas, segundo nos informaram, a festa de Angra dos Reis se assemelha bastante à de Parati (município vizinho), que vem se conservando através do tempo e não sofreu a descontinuidade da angrense.

Constatamos na parte profana da Festa do Divino, em Angra, aspectos dignos de serem registrados e que se enquadram naturalmente no cenário da belíssima cidade do Sul-fluminense, relicário de muitas coisas dos séculos passados.

A festa, patrocinada pela Prefeitura Municipal, com a colaboração da Câmara Municipal, em comemoração do ano do sesquicentenário, a par da parte verdadeiramente religiosa, com missas celebradas desde o dia 1.º de setembro (o setenário) e, depois, nos três dias propriamente da festa, apresentou atividades folclóricas que revelaram o empenho e dedicação dos que a promoveram.

O *Imperador* da Festa do Divino, representado por um belo menino, Luís Manuel Figueiredo Jordão, com uma presença verdadeiramente fidalga, empunhando o cetro e a coroa, era sempre acompanhado pelo mordomo e guarda-estoque, todos ricamente vestidos. O *Imperador* fez a sua chegada e do seu séquito a bordo do barco "Tritão", desembarcando no cais da cidade às 10 horas do dia 8 de setembro; ali foi recepcionado pelo povo e, depois, desfilou pelas ruas de Angra. Mais tarde houve o aparecimento do "Bate-Moleque", da "Vaca-Malhada" e da "Burrinha". São sujeitos que se apresentam com armadões de boi e de burro, fingindo o primeiro ser o próprio animal, enquanto o segundo parece apenas estar montado. Ao passo que o "Bate-Moleque" vestia roupa folgada, de fazenda com desenhos coloridos e usava máscara, semelhante a um políohimelo. Estes personagens, que lembram as figuras do Bumba-meu-Boi desfilando pelas

ruas, faziam a alegria e algazarra das crianças, correndo atrás delas e impedindo que apanhassem as moedas que lhes eram atiradas por pessoas do povo.

À noite, nos três dias da festa, depois da missa na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, solenemente cantada, e presidida pelo **Menino-Imperador**, ele se dirigia, acompanhado pelo séquito, ao palanque, especialmente construído pela Prefeitura, para então receber o povo e assistir às danças desempenhadas por crianças e pessoas da sociedade local. As danças apresentadas, foram: "Coquinhos", "Jardineiras", "Velhos" e "Marujos". Executadas ao ritmo de velhas músicas, como Schottisch, polcas, dobrados etc., as danças eram explicadas pelos organizadores da festa. Os "Coquinhos" foram descritos como dança que faziam os filhos dos escravos desejando homenagear o Imperador D. Pedro II e, para não serem identificados pelo capataz, usavam máscaras, capazes de lhes garantirem o anonimato. Vestiam-se com calças pretas, blusas brancas e grande capuz vermelho, descendo pelos ombros, tendo nas pontas guizos. Os "Coquinhos" têm um mestre, menino como eles, mas que se veste inteiramente de amarelo e é incumbido de circular continuamente entre o grupo, cujas danças são saltitantes e alegres. Têm os ritmos marcados por cascas de coco, que os componentes trazem presas às mãos, batendo como se fossem castanholas.

Ficamos pensando: por que o nome "Coquinhos"? Talvez pelo fato de fazerem a marcação rítmica com cascas de coco ou, quem sabe, corruptela de **Conguinhos**, velhos grupos que coroavam seus reis negros.

Outra dança que compõe o espetáculo coreográfico é a dos **Velhos**, também explicada como um disfarce usado pelos escravos para poderem se apresentar diante do Imperador. O grupo, composto de 10 casais, (homens em "travesti") era encabeçado por um velho trajando casaca, cartola, tendo às mãos uma maletinha e usando "pince-nez". Fazia o papel de "doutor".

O grupo dos "Velhos," conforme nos informaram, era constituído por homens idosos, apoiando-se em cajados mas se conduzindo de maneira espectacular, fazendo diferentes marcações coreográficas, ora cerimoniais, graves, ora vivas, saltitantes, de acordo com o ritmo da música (aliás, uma das músicas era uma versão da Marcha da ópera "Aida", de Verdi, executada por um conjunto instrumental). Mas tudo se fazendo com muita graça, muita vivacidade, divertindo o público, que os apreciava e aplaudia.

Constituído por moças, apresentou-se também no palanque presidido pelo **Imperador** o grupo das "Jardineiras". Vestidas graciosamente, à maneira de camponeses com largos chapéus de palha enfeitados de flores, faziam danças singelas, que, até certo ponto, lembram marcações da quadrilha, porém realçada pelos arcos floridos, que conduziam nas mãos.

Apresentou-se finalmente o grupo dos "Marujos", significando certamente os marinheiros da esquadra que serviu ao Imperador no seu transporte. O grupo, com grande garbo, conduzia uma pequena barca (carregada por quatro marujos), tendo no interior um menino, representando o comandante da esquadra. De passos cadenciados, ao som de uma marcha, pousaram a embarcação diante do Imperador, para então iniciarem as danças propriamente ditas, que, em certas partes, eram também cantadas por eles, com versos como:

Minha barquinha dourada,
que rumo queres levar;
sei que estás ansiosa,
já sentes saudades do mar.

Contudo, o mais empolgante, na apresentação dos marujos, é o momento em que, de uma das quinas da barquinha, são lançados estrepitosos fogos de artifício, emprestando ao espetáculo uma visão feérica, parecendo significar fogos de canhão numa saudação ao Imperador.

A festa do Divino, em Angra dos Reis, teve realmente demonstrações muito interessantes, dignas de serem conservadas e, portanto, não se pode deixar de louvar os seus patrocinadores, principalmente o Almirante Jair Carneiro Toscano de Brito (Prefeito de Angra dos Reis), Coronel Manoel Jordão Sobrinho, o coordenador-geral, Milton Basílio Pereira e outros que contribuíram para o êxito da festa.

Foi homenageado, na ocasião, o Dr. Altair Fonseca, que recebeu da Comissão organizadora da festa uma pequena coroa dourada, réplica da que é conservada em Angra dos Reis e foi trazida pelos colonizadores açorianos, justamente para a Festa do Divino. Esse senhor, em 1911, ainda menino, foi o Imperador do Divino, em Angra dos Reis. Tivemos o prazer de conversar com o Dr. Altair, que nos informou das transformações ocorridas na Festa. No seu tempo, ao invés do manto do Imperador ser segurado pelos marujos, eram moças, representando as damas da Corte, que o faziam. Ainda nos intervalos das apresentações das danças, feitas no palanque, apresentavam-se os foliões (violeiros) que ainda hoje percorrem as localidades das cercanias, antes da festa, para angariar donativos — improvisando ao som das violas. Na parte coreográfica, além das danças: "Coquinhos", "Jardineiras", "Velhos" e "Marujos", faziam-se também os "Guerreiros" e os "Lanceiros". Disse-nos que as bolachas bentas, atualmente distribuídas na porta da Igreja e pelas "Jardineiras" conduzindo tabuleiros ao pescoço, também não eram de uso, mas, sim, senhoras da sociedade local, especialmente designadas, incumbiam-se de fazer uma farta distribuição de alimentos nas casas dos pobres.

Apesar das inevitáveis mudanças ocorridas, num processo sócio-cultural como o da Festa do Divino, muitos traços ainda são reconhecíveis, como se pode constatar, analisando o que escreveu Melo Moraes Filho em "Festas e Tradições Populares do Brasil", tanto na descrição da Festa do Divino na Corte, como na Província do Rio, entre os anos de 1853 e 1855. Na última, Melo Moraes refere-se à dança dos "Velhos", que, andando curto, arrastando os pés, que se seguiam para o tablado, às risadas dos espectadores, que lhes aplaudiam o desgarre. Tal como se podia apreciar nos "Velhos", em Angra.

Muitos outros detalhes, como a dança dos "Jardineiros", (seriam homens?) os dois mordomos que acompanham o Menino Imperador, a fragata que solta foguetes estrepitosos, são mencionados na festa da província, ao passo que, na da Corte, fala no Porta-Estoque acompanhando o Imperador, do sujeito vestido de clown, ou seja, o palhaço, arrastando atrás de si muitos moleques e dialogando com eles, entre outras coisas: — "Moleque! — Sinhô. A moça é bonita? — É, sim, sinhô. Tem vestido de babado? — Tem, sim, sinhô. Ora, mate, moleque," etc.

E, assim, sentimos como tantos traços culturais são guardados na memória do povo, que, apesar do progresso, os conserva na Festa do Divino, manifestando-se com tantas espontaneidade, com tanto entusiasmo.

PEQUENA INFORMAÇÃO SOBRE A ORIGEM E O MOTIVO DAS CAVALHADAS NO BRASIL E SOBRE A PRESENÇA DO CAVALO EM NOSSO FOLCLORE

An'Augusta Rodrigues

Parte essencial da história da península ibérica, a luta entre cristãos e mouros foi sempre foco e fonte de interesse, motivação e inspiração. Desde a expulsão dos árabes, na Espanha e Portugal o tema desenvolveu-se em dois tipos de representações populares de grande sucesso — batalha naval e torneio de cavalaria. Como tal, emigraram junto com os conquistadores do novo mundo para as Américas, nelas se fixaram e até hoje sobrevivem.

Essa herança ibérica constituiu-se, no Brasil, em dois de nossos autos mais importantes. Primeiro o fandango, marujada, barca ou chegada, conforme as regiões, com navios, fortalezas, canhões e marinheiros aguerridos em feroz batalha marítima. É representado, cantado e dançado, tendo como tema principal a velha xáicara portuguesa "Nau Catarineta", e especialmente arraigado no Nordeste. O segundo, mais generalizado e difundido por todo o País, Cristãos e Mouros, calvagada ou cavallhada, título que finalmente predominou; a bem dizer, inspirado e sustentado na "História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França", que desde o século XVI empolgou e correu o mundo ocidental. Inicialmente teve também representação e diálogos helicosos, que desapareceram aos poucos e persiste apenas como torneio equestre engalanado e luxuoso. Azuis os cristãos, vermelhos os mouros, cavalos e cavaleiros travam batalha sob o esquema das velhas quadrilhas de cavalaria. Galopes, entrechoques de lanças e duelos coletivos ou singulares, justa de argolinhas com a fita de cada partido, galantemente oferecidas às damas da assistência. O motivo da luta é sempre uma princesa, donzela e prisioneira, que os cristãos se batem por salvar e libertar. Os Mouros, sempre derrotados, se convertem e batizam na visita que fazem todos à igreja, depois da batalha, e a pacificação é comemorada com o desfile final, conjunto, triunfante e fraterno de todos os participantes.

Sob o título popular "Cristãos e Mouros" revive-se a reconquista da península aos árabes, mas o Mouro das representações é turco e vem da Turquia, "onde seu Deus é rei". Convergência temática com as guerras navais mediterrâneas dos cavaleiros de Rodas e de Malta contra os turcos e depois os corsários da Argélia.

Os cavaleiros vestem ricamente cetim ou veludo, com capacetes, plumas ou flores, calças brancas e botas ou perneiras, talabartes, espadas e lanças. Os cavalos treinados em alta escola de equitação,

ricamente ajazados com mantas do mesmo tecido e cor, guizos, máscaras e flores ou plumas, são gordos, luzidios, penteados, bem tratados de acordo com a bela estampa, a resistência e a habilidade especializada que enchem de orgulho seus proprietários.

Desde o século XVIII depoimentos ilustres testemunham o auto no Brasil — Koster, von Martius, Saint-Hilaire. Primeiro como Cristãos e Mouros, depois como Cavalhada, continua a agradar e entusiasmar nosso povo. Assim sobrevive por todo o País e realiza-se geralmente nos dias de festa de alguns santos e padroeiros ou em datas cívicas comemorativas. Algumas Cavalhadas são modestas, de repercussão apenas local; outras, célebres pelo fausto e grandiosidade, atraem turistas e estudantes de nossos costumes, tais como a de Franca, em Minas, a de Santo Amaro, em Campos, a de Pirenópolis, em Goiás, atualmente a mais famosa de todas. Uma e outras continuam e continuarão, que o gosto pelos motivos épicos, pelas proezas equestres e pelos espetáculos movimentados e coloridos, é parte integrante de nossa alma popular e nacional.

Paralelamente, no ciclo do gado, o primeiro de nossa história econômica, mais que o próprio boi a figura principal foi o cavalo que o conduzia, cercava, campeava, dominava enfim. Na vastidão do País selvagem, cavalo que o homem montava e usava para viajar, combater, cuidar da terra; para vencer o brejo, a mata, o areal; cavalo que significava liberdade e movimento, sem o qual ficava imobilizado e prisioneiro dentro de casa. Animal nobre, companheiro heróico do guerreiro, destemido e fidalgo, a Europa o glorificou na infundável gesta da cavalaria medieval. Aqui, sem proezas bélicas mas épico por natureza, teve também seu cancionero e, mais que isso, enraizou-se no afeto e na apreciação, incorporou-se ao patrimônio e categoria do homem, assimilou-se e penetrou na massa de seus costumes. Companheiro na luta, no trabalho e no folguedo, está presente em nossos versos, romances, autos, danças, reisados, cordões. Junto com as Cavalhadas continuarão também as mulinhas, burrinhas, cavalos-marinhos, jaraguás e outras figuras folclóricas que derivam de seu prestígio e do velho, tradicional e imutável amor que por ele nos veio do próprio fundamento de nossa história.

JARAGUÁ

Jaraguá é bicho horrendo, armado com uma caveira de cavalo, animado por um “brincador” oculto em sua roupagem — “corpo di gente, cabeça di animá...” — andarilho incansável a palmilhar os azeiros dos canaviais, os caminhos e estradinhas da roça, na planura campista ou nas restingas de S. João da Barra. Estranha criatura de alma e índole rural, não o conhecem as praias nem as cidades. Mas, por onde anda, as crianças o acompanham fascinadas e aterrorizadas pelo abre-e-fecha da bocarra, pelo entrechocar das mandíbulas eriça-

das de enormes dentes bem à mostra. É “reis” ou reisado, tem música e letra próprias e bem desenvolvidas, que o anunciam e identificam, e gosta de sair sozinho. Mas brinca também sem “cantorias” e em conjunto, misturado com os “boizinhos”, “mulinhas”, “cavalinhos” e “bonecas”, que vão se assimilando e restringindo às folias do carnaval desta região.

No Nordeste intrometeu-se como personagem adido ao “Bumba-meu-Boi” sem que se saiba ao certo como, quando ou de onde veio. Em Goiás, Jaraguá é tribo e pequena cidade em sua área.

Sem fazer perguntas e sem se preocupar com as origens, o bicho fabuloso passeia apenas, no planalto como na planície, e faz a delícia, a espavorida alegria dos que o encontram no caminho, girando ao som de seu estribilho. Cantoria e companhia podem variar, não o irmão. Mais ou menos o mesmo em toda parte, quer recolhido por Mário de Andrade, no Rio Grande do Norte, quer aqui, é o inconfundível e inesquecível

Èvem èvem èvem jaraguá...
Bichinhu bunitinhu qui num sabi trabaía

Èvem èvem èvem jaraguá
Corpu di genti cabeça di animá

Èvem èvem èvem jaraguá
Bichinhu bunitinhu èvem jaraguá

Èvem èvem èvem jaraguá
Bichinhu bunitinhu qui só sabi namorá

Èvem èvem èvem jaraguá
Èveim di tão longi pra brinca nessi lugá

Èvem èvem èvem jaraguá
Bichinhu bunitinhu qui só sabi dança

Èvem èvem èvem jaraguá
Corpu di genti cabeça di animá

Èvem èvem èvem jaraguá
Minha mãi chama Maria meu pai chama Baltazá

Èvem èvem èvem jaraguá
Bichinhu bunitinhu èvem Jaraguá...

ASPECTOS DO FOLCLORE FLUMINENSE EM ANGRA DOS REIS, CAMPOS E PARATI

Rubens Falcão

Embora não havendo a seu respeito nenhum trabalho sistemático, tudo estando praticamente por fazer-se, é inegável a existência do folclore fluminense. Dele nos falam espíritos curiosos, investigadores do passado da velha e nobre Província.

Um levantamento da sua cultura popular, baseado em larga e séria pesquisa, a exigir a participação do especialista, — eis o que postulamos. Entendemos que só isto poderá revelar a importância do seu patrimônio, “pois, na memória do povo é que se acumulam precipitados da formação nacional, cuja permanência lhe assegura continuidade do tempo”. (Renato Almeida). Invocando razões históricas, e “por ilação e cotejo”, creê ele possível afirmar ter sido o Estado do Rio “uma das grandes áreas do folclore brasileiro, e as suas estradas foram caminhos para percurso de numerosas formas e modalidades do nosso populário.”

Para essa obra de verdadeiro soerguimento são convocados os professores, os estudantes, os intelectuais. Não podemos esperar mais. Muita coisa já se perdeu, ou foi daqui levada para fora. Muita coisa jaz abandonada. Partir para essa empreitada é ir ao encontro de “tesouros folclóricos que permanecem obscuros, à espreita de quem os garimpe” — na justa expressão do sociólogo e historiador Alberto Lamego Filho. “Estudá-los e estilizá-los, impô-los à admiração e ao culto universais, é obra que só realizam povos vencedores”.

Dê, pois, cada um a sua contribuição, por mais pequena que seja. Será útil. Será sempre bem-vinda.

“De três regiões partiram extensos folk-ways: a do vale do Paraíba, a de Angra dos Reis e a de Campos.” No que tange à folclórica, de que interessante amostra levou a Delegação Fluminense ao I Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, (*) possui o Estado do Rio “um manancial formidável a ser recolhido e estudado.” (São palavras daquele eminente folclorista).

— Em Angra dos Reis, o belo município do sul-fluminense, tiveram inusitado esplendor as festividades religiosas de N.S. da Conceição, S. Benedito, N.S. do Carmo, Santa Luzia, N.S. da Lapa e Boa-Morte e a procissão marítima do Senhor do Bonfim, em direção à capela da ilha desse nome.

* Compuseram a Delegação o representante do Governo da época, e atual Secretário-Geral da Comissão Fluminense de Folclore, e as professoras Benilda Augusta da Silva Santos e Gertrud Uhlman Burlein.

Conta o historiador Alípio Mendes, em seu ótimo livro — “Ouro, Incenso e Mirra” — que, “para esse fim, existiam na cidade dois primorosos artistas pirotécnicos — o popularíssimo Olímpio Fogueiteiro e o afamado Manuel Alves Teixeira. Este, segundo informe de pessoas que o conheceram, fazia encomendas para fora do município, tal era a fama de sua perícia na arte dos fogos.” Porém, a festa mesmo tradicional da cidade, que nestes derradeiros anos procuram ali reviver, é a do Divino, que se compunha de canoeiros e pescadores e, percorrendo toda a costa, atingia, por vezes, Caraguatatuba, no Estado de São Paulo. Os moradores mais antigos de Angra, filhos ou netos de violeiros, guardam memória de danças como a dos Velhos, Marujos, Cana-Verde, Lanceiros, Valetes-de-Copa, Tire-o-Chapéu, Balaio, Chiba, Porretinhos, Coquinhos, Jongo, Jardineiras etc. Destas, uma ou outra pode ser vista hoje nas comemorações juninas e natalinas da cidade. Mas, sem o brilho dos tempos idos, quando os grupos de Reis e Pastorinhas, no dia de Natal, saíam à rua para divertir o povo. Ouviam-se então, acompanhados de violas, adufos e ferrinhos, cantos como estes:

Meu Senhor, que estais dormindo
esse sono tão profundo,
acordai e vinde ver
o Redentor deste mundo.

Lá, da banda do Oriente,
uma estrela apareceu;
veio dar a boa-nova,
mostrar que Jesus nasceu.

Estamos na vossa porta
com nosso feixe de lenha,
esperando a resposta
que da vossa boca venha.

Aqui vem o “Reis” cantar
no dia seis de janeiro;
pedimos, pra engordar,
as galinhas do poleiro.

CORO

Em bela aurora nasceu Jesus
alumiando o mundo, com sua luz;
nasceu Jesus lá, em Belém,
e subiu à glória pro nosso bem.

(Coleção Alípio Mendes).

Apresentavam-se as moças com vestidos de chita, cores berrantes, chapéus de palha, abas largas, enfeitados de flores. Enfeitados também os tamancos. Os rapazes, com chapéus e tamancos iguais aos das moças, exibiam-se de calças brancas e camisas de cores violentas. Encerravam-se os festejos à meia noite do dia seis de janeiro na Casa da Câmara, onde era cortado o bolo que continha as "sortes". Uma aliança e uma moeda prenunciavam, respectivamente, casamento ou dinheiro...

— Campos, foco de civismo e de inteligência na terra fluminense, ofereceu ao folclorista motivo também para os seus estudos e pesquisas. Vamos ali encontrar, além dos tipos regionais do mocorongo e do mu-xango, tão bem retratados por Alberto Lamego Filho nesse livrinho hoje raro, que é — "A Planície do Solar e da Senzala" —, a dança típica fluminense, ou seja, a Mana-Chica. Diz-nos dela o erudito campista: "De várias que resistiram à erosão do tempo, esta é a mais popular das danças regionais. Criada no seio da planície, entre lagoas e canaviais, remonta a sua origem a fins do século XVIII. Pelo menos, é o que conta a tradição. Nasceu no Caboio, um desses pequenos agrupamentos marginais à estrada do Cabo de São Tomé, grudado ao solo raso, entre a Lagoa Feia e Mussurepe. Por aquela época, havia entre os moradores uma mulher apelidada Mana-Chica. Foi a sua inventora. Da sua vida, apenas deduzimos que era amiga da folia". Após informar que o original da Mana-Chica "está no ritmo diabólicamente irresistível e nos versos dos rústicos cantadores repentistas", acrescenta: "Frente à frente, os pares alinham-se à guisa de quadri-lheiros. As violas do branco tangem. O adufo do negro rufa. Os chocalhos ressoam como os ásperos maracás indígenas. Os cantadores abrem uma cantilena sentimental que se espalha pelos rechanos distendidos, inflamando-nos de um sentimento de amplidão, levando-nos em reticências indizíveis pelo presente e pelo passado, no espaço e no tempo. Essa melodia chorosa, mas arrastada em compasso precipitado, domina toda a dança. É o misto intraduzível de tristeza e de alvoroço, que governa toda a música genuinamente brasileira, deixando transparecer a nossa torturada psique. Esse paradoxo de gargalhada e de lamento, de esperança e de saudade, de passado e de futuro, apresenta-se em toda a música da Baixada".

São versos da Mana-Chica:

Alí vem a Mana-Chica,
Mana-Chica do Caboio;
quem nunca comeu pimenta,
não sabe que coisa é moio.

Mana-Chica, minha nega,
chega teu rosto no meu;
quem te ama, quem te adora,
quem gosta de ti sou eu.

Se o sol se tornasse preto,
nunca mais o céu se via;
Valem mais que o sol teus olhos,
que são pretos e alumiam.

Negro não entra no céu,
porque tem bicho de pé;
negro não fuma charuto,
porque charuto já é.

Doutro lado estão gritando:
pega a canoa, vai ver;
se é branco, deixa passar,
se é negro, deixa morrer.

Eu vou dar a despedida,
como deu o passarinho;
que se despediu cantando,
deixando as penas no ninho.

Estribilho:

Lá se vai a Mana-Chica,
Lá se vai Chiquinha-Mana.

À página 91 do mesmo livro, escreve Lamego: "Vasta é a família das Manas-Chicas. Família, pela semelhança que entre elas há e por ser-lhes em geral desconhecida a lascívia habitual às danças africanas. São reunidas genericamente sob o nome de fado. Citemos a Marreca, a Andorinha, a Mineira, o Mangaló, o Barabadás, o Feijão-Miúdo, o Quindim, o Balão-Faceiro, o Gambá ou Extravagância". (...) "Uma das variantes da Mana-Chica é a Mana-Joana. O singular desta dança é conservarem os cavalheiros o chapéu na cabeça, retirando-o ao cumprimentarem cada vez o par".

A Mana-Chica — depõe a professora An'Augusta Rodrigues — desapareceu da área urbana, onde é apenas conhecida "por ouvir dizer..."

No panorama que traçou do folclore fluminense na região Campos-São João da Barra, em o número 2 de *Momento Cultural*, publicação em boa hora iniciada pela Prefeitura do município canavieiro, mas que infelizmente não prosseguiu, lemos o seguinte: "Tem sido pouco ou quase nada pesquisada a nossa região, e por desconhecida pode passar por pobre. Aqui, porém, encontramos de tudo, toda a gama das manifestações tradicionais e habituais e mais umas poucas não tão gerais, como as danças do grupo fado. Pobre de desenvolvimento tem sido, sim, e por não se desenvolver estabilizou-se por mi-

to tempo num estágio social que só de uns trinta anos para cá vem-se modificando e acarretando a correspondente modificação dos costumes populares. Nos meios urbanos essa modificação é substancial, mas nos rurais é às vezes apenas sensível. No sertão e nas praias ainda encontramos populações vivendo e sentindo nos moldes do século passado. Entre eles, o folclore antigo foi preservado de maneira a nos permitir hoje a observação e colheitas que não foram efetuadas então, preciosas para confronto e verificação de sua evolução. Não se deve alimentar saudosismo, mas não se pode descurar esse enorme acervo por tanto tempo abandonado."

Na região de que trata a distinta folclorista pernambucana, que tão bem se integrou na comunidade local, visíveis são ainda a precisão de barcos nas festas de N. S. da Penha, em Atafona, e as tradicionais do Natal, S. João, S. Pedro, Santo Antônio, Aleluia, e as "botadas" das Usinas, no início da safra agrícola.

As cavalhadas — "desfile a cavalo, corrida de cavaleiros, jogo de canas, jogo de argolinhas ou de manilha" — (Câmara Cascudo) entraram no Brasil no século XVIII e foram atração em Santo Amaro em dias de festas religiosas e comemorações cívicas. A historiadora Thalita de Oliveira Casadei, nas suas pacíficas pesquisas no Arquivo Nacional, descobriu um documento datado de 22 de outubro de 1822 que diz, relatando as comemorações na Vila de Campos, por ocasião da Aclamação de D. Pedro, a 12 do mesmo mês e ano: "Nas tardes dos dias 14 e 18 houve excelentes cavalhadas, figurando combates entre Mouros e Cristãos, feitos por pessoas limpas do país, debaixo da direção do Capitão Antônio Desidério, continuando nestes mesmos dias máscaras e danças." (É autor do documento o militar José Manuel de Moraes, que o remeteu ao patriarca José Bonifácio).

An'Augusta, em carta ao autor destas notas, destaca, na fauna folclórica de Campos, o Jaraguá, as Mulas e Burrinhas, o Boi Pintadinho (***) e o Boi-de-Reis, este, "montado num cabo como o Jaraguá, acompanhado pelo lobisomem, lembrando, em versão-mirim, os Bumbas do Norte. Junto com eles, andam as Bonecas, o Casal de Gigantes, o Cabeção, os Capetas, o Macaco. Havia um urso na festa do Divino, mas creio que morreu" — diz ela.

O Jaraguá, tema de substancioso estudo seu em o número 32 da "Revista Brasileira de Folclore", é aí descrito pormenorizadamente. Embora em declínio, como observa, é encontrável ainda na zona rural de Campos. "O estranho animal dança em passos miúdos, mas, de vez em quando, investe sobre os circunstantes. Aos saltos ,vai de um

** Da antropologista Alcione Batista, em comunicação ao autor: "O boi está presente em todo o folclore brasileiro. No norte do Estado, entretanto, não se configura como "auto-popular, porém como "cortejo". Verdade que o boi "cai", mas não há conhecimento por parte dos integrantes da morte e ressurreição do mesmo. Talvez a explicação possa estar no nível do "inconsciente coletivo", como os "Quilombos", de Alagoas, cujos participantes jamais ouviram falar em Palmares".

lado para o outro, com a boca aberta, fingindo que vai morder; o que faz as delícias e o susto da garotada que o acompanha, encantada. O dono vai a seu lado, guia-o e abre-lhe caminho, faz-lhe e recebe medidas, e também o acompanha na dança. O cantor segue-o bem de perto, encabeçando os músicos, que vêm logo atrás, deixando espaço para as suas evoluções. Nas paradas ou visitas, a música e os acompanhamentos formam círculo à sua volta e ele dança no meio da roda." Descreve-nos como é feito o Jaraguá — "com uma caveira de cavalo completa, com os dois maxilares. Manobrados por um cordão forte, preso a uma mola, abrem-se e fecham-se acompanhando o ritmo com o entrechocar dos dentes. A cabeça é enfiçada num pau comprido e forte, com cerca de um metro, que lhe serve de suporte e de longo pescoco, tão longo quanto seja possível ao portador manejá-lo. O homem que o leva, ou carrega, deve ser vigoroso e ágil para agüentá-lo dançando sem parar e manobrando-lhe a queixada. Um pano estampado, vermelho, com flores ou de outro colorido vivo, veste-o até o chão e cobre também o homem à altura dos olhos: não dá para ver onde pisa, mas vê o que o cerca e onde vai. É preso ao crânio com flores e fitas à guisa de grinalda."

— Situado no extremo-sul do Estado, ocupando uma área de 979 km² e distante em linha reta 162 km de Niterói, com o seu conjunto arquitetônico e paisagístico inscrito nos Livros do Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o município de Parati, "a Saint-Tropez dos paulistas", é talvez aquele onde se cultuam as manifestações folclóricas como documento das atividades espirituais e materiais dos seus habitantes. Moradores antigos da cidade e do campo, contemporâneos dessas e de outras expressões populares, as recordam com saudade.

Quando, no exercício de juiz municipal, lá esteve Sílvio Romero, que sucedeu ao pioneiríssimo Celso Magalhães (***) nos estudos do folclore brasileiro, tinha por hábito comparecer às festas religiosas e aos bailes públicos, tudo anotando pacientemente. O eminente sergipano legou-nos um material abundantíssimo, de que se socorrem, com frequência, os que lhe buscam os ensinamentos. Impressionante o trabalho desse patricio nos curtos anos da sua permanência distribuído justiça entre as populações desassistidas do município mais meridional do Estado. Um aspecto do que foi esse trabalho dá-nos

*** CELSO Tertuliano da Cunha MAGALHÃES nasceu na fazenda Descanso, município de Penalva, (Maranhão) a 11 de novembro de 1849. Faleceu em São Luís, a 9 de junho de 1879. Seus trabalhos sobre folclore, estampados fragmentariamente em jornais do Recife e São Luís, foram reunidos sob o título — "A Poesia Popular Brasileira" — pelo Departamento de Cultura do seu Estado, em 1966. Um exemplar dessa publicação nós o obtivemos na cuita capital maranhense quando lá retornamos em 1973. Recentemente, a Biblioteca Nacional editou a obra de Celso Magalhães na Coleção "Rodolfo Garcia", com excelente introdução e notas de Bráulio Nascimento.

O BEIJO

Cançoneta popular

(Muito cantada em Saquarema, pelos fins do século XIX e princípios do século XX).

Estrilho:

O beijo quem in-ven- tou.. An-tes de in-ven- tar
Lá pe-los céus an- dou An-jos a con-sul- tar Lá pelos céus an-
dou An-jos a con- sul- tar.

1- Tem gos-to de me- la-do bei-jo dado em bo- ca fa- gueira
2- Tem gos-to de me- la- do bei-jo dado em mo- ça fa- ceira

1-Tem gos-to de me- la-do bei-jo de mo- ça sol- teira.
2-Tem gos-to de me- la-do bei-jo de na- mo-ra - deira.

ESTRILHO: O beijo, quem inventou
Antes de o inventar,
Lá pelos céus andou { repete
Anjos a consultar.

I

Tem gosto de melado {
Beijo dado em boca fagueira, { repete
Tem gosto de melado {
Beijo de moça solteira. {

Ao ESTRILHO

II

Tem gosto de melado {
Beijo dado em moça faceira. { repete o
Tem gosto de melado a { termina
Beijo de namoradaira.. {

NOTICIÁRIO

SÉTIMO CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

Será em Brasília, no dia 21 do corrente mês. No "Encontro Preparatório" ali realizado em outubro de 73 compareceu, representando o Estado do Rio, o Secretário-Geral da Comissão Fluminense de Folclore, para tanto designado pelo Governador Raymundo Padilha.

PRIMEIRA FEIRA DE CIÊNCIAS DO ESTADO DO RIO

Promovida pela Secretaria de Educação e Cultura, através do seu Departamento de Ensino Médio e Superior, o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, (Seção Fluminense) e o jornal "O Fluminense", realizou-se de 22 a 24 de novembro do ano passado no pavilhão de Exposições da Flumitur. Compuseram a Comissão Coordenadora e Executiva as professoras Vera de Vives, Ana Pedreira Boechat, Julma Alves Moreira e Vanda da Fonseca, que trabalharam incansavelmente para o bom êxito da iniciativa. A convite da professora Myrthes de Luca Wenzel, presidente da Seção Fluminense do I. B. E. C. C., constituíram a Comissão Julgadora da Área de Ciências Humanas o Dr. Alberto Francisco Torres, diretor daquele matutino, o professor Álvaro Sobral Barcelos e o Secretário-Geral da Comissão Fluminense de Folclore. A entrega dos prêmios aos autores dos trinta e dois projetos vitoriosos fez-se em solenidade no auditório do Senac, na tarde de 18 de dezembro.

CURSO DE FOLCLORE

Promoveu-o no ano findo, com aulas a cargo do professor Raul Giovani da Mota Lodi, a Escola de Música "Santa Cecília", dirigida pela senhora Iolanda Gouveia. O curso encerrou-se com apresentação de danças folclóricas por um grupo de amadores e explicações pelo professor.

FOLGUEDOS NO FOLCLORE BRASILEIRO

Com uma assistência numerosa e muito interessada, funcionou esse curso a cargo da processora Dulce Martins Lamas no Salão "Henrique Oswald", da Escola de Música da Guanabara, nos dias 7, 8 e 9 de novembro de 1973. As aulas foram ministradas por um elenco de conhecidos e ilustres educadores.

FESTIVAL DE FOLCLORE INTERNACIONAL

Promovido e apresentado, no dia 28 de outubro, na quadra do Colégio "São Vicente de Paulo" pelo Centro Orcaal de Cultura e Arte, de que é coordenador o poeta César de Araújo. No curso, que teve a duração de oito aulas, foram ensinadas danças pelo professor Domari Espósito. Os quarenta concluintes receberam certificados na tarde daquele dia.

XXIV CURSO INTERNACIONAL DE FÉRIAS

Será em Teresópolis, de 6 de janeiro a 3 de fevereiro deste ano, promovido pela Pro Arte. Direção geral de Theodor Heuberger; artística, de Alberto Jaffé. Participa ativamente dos trabalhos da Pro Arte a professora Violeta Campofiorito de Saldanha da Gama, membro do Conselho Estadual de Cultura.

CICLO DE ESTUDOS FLUMINENSES

No período de 19 a 24 de novembro de 1973 realizou-se em Niterói, como parte do Programa Especial promovido pela Universidade Federal Fluminense e Fundação "Casa de Rui Barbosa", sob o patrocínio do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, um Ciclo de Estudos Fluminenses. Para participar da Mesa Redonda na qualidade de debatedores, juntamente com o professor Reginaldo Magalhães, que fez a introdução, foi convidado e compareceu o Secretário-Geral da Comissão Fluminense de Folclore. Sobre atividades folclóricas no território do Estado, falaram as professoras Alcione Batista e Luitgarde Cavalcanti. Na oportunidade, fez-se o lançamento simbólico do livro — "Parati, caminho do Ouro" — de autoria de Heitor Gurgel e Edelweis Amaral. Edição da Livraria "São José", do Mecenaz Carlos Ribeiro.

PESTALOZZI

Nos dias 1, 2 e 3 de dezembro último, na sua sede à Estrada Caetano Monteiro n.º 857, realizou a Sociedade Pestalozzi do Estado do Rio um Encontro Comemorativo dos seus vinte e cinco anos de fundação, homenageando a grande inspiradora da Obra, a educadora suíça Helena Antipoff.

No Conselho Estadual de Cultura, que a aprovou unanimemente, foi proposta a seguinte Moção de aplauso e incentivo à Doutora Lizair Guerreiro, extensiva aos seus auxiliares e colaboradores:

"A Sociedade Pestalozzi do Rio de Janeiro acaba de celebrar, com solenidades que atraíram delegações de vários Estados à sua casa na

Estrada Caetano Monteiro n.º 857, em Pendotiba, oferecendo-lhes acomodações em sua sede, o 25.º aniversário da sua fundação. Em regime de "seminário" funcionaram todas elas, que debateram, durante três dias consecutivos, o problema do excepcional.

Foi este um dos melhores e mais proveitosos Encontros em que o assunto, cuja importância não é preciso demonstrar, foi encarado sob os ângulos mais diversos por especialistas e técnicos. Ainda uma vez evidenciou-se o esforço da ilustre presidente da entidade, Doutora Lizair Guarino de Moraes Guerreiro, e da sua disciplinada e eficiente equipe de auxiliares e colaboradores voluntários. Muito dificilmente se sabe de dedicação tamanha e tamanho desprendimento a causa tão nobre. Por isso, e acompanhando, como há muitos anos acompanhando, os passos da bela e útil instituição, dou o meu testemunho de apreço, admiração e reconhecimento ao trabalho daquela grande figura de mulher, que se entregou de corpo e alma, para assim dizer, à nobilíssima e humana tarefa de recuperação do menor deficiente. Dai, a Moção que tenho a honra de apresentar.

Sala das Reuniões, em Niterói, 5 de dezembro de 1973.

(as) Rubens Falcão"

TEATRO DE CORDEL

Esse "riquíssimo fenômeno literário do nosso povo", que é a literatura de cordel, cuja importância, como já se disse, não mais se circunscreve apenas aos limites do Nordeste, inspirou a criação, em Salvador, do Teatro de Cordel. Assistimos ao espetáculo de 11 de novembro do ano passado, com adaptações de folhetos intitulados: "A mulher que engoliu um par de tamancos com ciúme do marido"; "O encontro de Chico Tampa com Maria Tampada"; "Só o amor constrói" ou "O cabra que furou o pandeiro do velho"; "As irmãs tenebrosas" ou "A moça que foi se confessar de mini-saia"; "O casamento de uma moça macho e fêmea com um rapaz fêmea e macho"; "O malandro e a graxeira no chumbrego da orgia"; "Peleja de Mané Grosso com Maria Sapatão"; "A história de Adão e Eva" ou "O direito de encher". Essas histórias eram apresentadas em forma de desfile de escolas-de-samba.

— Escreveu Jorge Amado: "Realmente, não sei de experiência teatral mais séria entre todas as realizadas no Brasil no último decênio do que o Teatro de Cordel, digna de qualquer teatro em qualquer parte."

O BARRAÇÃO DO JONGO

Será esse o nome de um pequeno balneário que em Atafona, na foz do rio Paraíba, cogita de instalar a nossa ilustre colaboradora An'Augusta Rodrigues. Noticiando o futuro evento, disse o *Jornal do Brasil*, em sua edição de 3 do corrente:

... "O Barracão do Jongo será o início da valorização do folclore e do artesanato da Baixada Campista. Nele, durante o dia, será comercializado o artesanato local (rico em peças de barro e madeira, com uma costaria excelente) e, à noite, grupos regionais se exhibirão no jongo, dança cantada rural, de origem africana, assimilável, geralmente, como forma rústico-musical e como coreografia, ao samba-integral. An' Augusta Rodrigues será a responsável pelo movimento, integrado ao programa turístico da Prefeitura de São João da Barra".